



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.33

MARÇO/2024

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC ISSN/2675-520



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.33

MARÇO/2024



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da EDITORA INTEGRALIZE, (SC) Brasil

International Integralize Scientific. 33ª ed. Março/2024. Florianópolis - SC

Periodicidade Mensal

Texto predominantemente em português, parcialmente em inglês e espanhol

ISSN/2675-5203

1 - Ciências da Administração

2 - Ciências Biológicas

3 - Ciências da Saúde

7 - Linguística, Letras e Arte

8 – Ciências Jurídicas

4 - Ciências Exatas e da Terra

5 - Ciências Humanas/ Educação

6 - Ciências Sociais Aplicadas

9 – Tecnologia

10 – Ciências da Religião /Teologia



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

**Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Editora Integralize - SC – Brasil**

Revista Científica da EDITORA INTEGRALIZE- 33ª ed. Março/2024
Florianópolis-SC

PERIODICIDADE MENSAL

Texto predominantemente em Português,
parcialmente em inglês e espanhol.
ISSN/2675-5203

1. Ciências da Administração
2. Ciências Biológicas
3. Ciências da Saúde
4. Ciências Exatas e da Terra
5. Ciências Humanas / Educação
6. Ciências Sociais Aplicadas
7. Ciências Jurídicas
8. Linguística, Letras e Arte
9. Tecnologia
10. Ciências da Religião / Teologia



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

EXPEDIENTE

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

ISSN/2675-5203

É uma publicação mensal, editada pela
EDITORA NTEGRALIZE | Florianópolis - SC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande, CEP 88032-005.

Contato: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.online>

Diretor Geral

Luan Trindade

Diretor Financeiro

Bruno Garcia Gonçalves

Diretora Administrativa

Vanessa Sales

Diagramação

Balbino Júnior

Conselho Editorial

Marcos Ferreira

Editora-Chefe

Dra. Vanessa Sales

Editor

Dr. Diogo de Souza dos Santos

Bibliotecária

Rosangela da Silva Santos Soares

Revisores

Dr. Antônio Jorge Tavares Lopes

Dra. Arethuzza Karla A. Cavalcanti

Dr. Tiago Moy

Dra. Gleice Franco Martins

Permitida a reprodução de pequenas partes dos artigos, desde que citada a fonte.



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

**INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC
ISSN / 2675-5203**

É uma publicação mensal editada pela
EDITORA INTEGRALIZE.
Florianópolis – SC
Rodovia SC 401, 4150, bairro Saco Grande, CEP 88032-005
Contato (48) 4042 1042
<https://www.integralize.online/acervodigital>

EDITORA-CHEFE

Dra. Vanessa Sales

Os conceitos emitidos nos artigos são de
responsabilidade exclusiva de seus Autores.



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

TEOLOGIA

THEOLOGY

TECNOLOGIA

CANDOMBLÉ E EDUCAÇÃO: O QUE TEMOS? O QUE PODEMOS TER.....08

Autor: [Anderson Luiz Scot](#)

Contato: aluizscot@yahoo.com.br

[CANDOMBLÉ AND EDUCATION: WHAT DO WE HAVE? WHAT WE CAN HAVE](#)

[CANDOMBLÉ Y EDUCACIÓN: ¿QUÉ TENEMOS? LO QUE PODEMOS TENER](#)

CANDOMBLÉ E EDUCAÇÃO: O QUE TEMOS? O QUE PODEMOS TER
CANDOMBLÉ AND EDUCATION: WHAT DO WE HAVE? WHAT WE CAN HAVE
CANDOMBLÉ Y EDUCACIÓN: ¿QUÉ TENEMOS? LO QUE PODEMOS TENER

Anderson Luiz Scot
aluizscot@yahoo.com.br

SCOT, Anderson Luiz. **Candomblé e educação: O que temos? O que podemos ter?**. Revista International Integralize Scientific, Ed. n.33, p. 08 – 17, março/2024. ISSN/2675 – 5203.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo relacionar as aproximações e os estranhamentos entre os campos da educação e as religiões de matriz africana, de maneira especial, o candomblé. A partir do princípio que, as práticas religiosas, independente da sua confessionalidade, são práticas educativas não formais e/ou informais, faz-se necessário entender como elas se organizam e os possíveis impactos destes conteúdos na vida cotidiana daqueles que professam determinada fé. Os processos educacionais oriundos das religiões devem promover o desenvolvimento humano e a promoção dos direitos sociais da coletividade. Mas será que isto realmente acontece?

Palavras-chave: Candomblé. Educação. Possibilidades.

SUMMARY

This article aims to relate the similarities and estrangements between the fields of education and African-based religions, especially Candomblé. Based on the principle that religious practices, regardless of their confessionality, are non-formal and/or informal educational practices, it is necessary to understand how they are organized and the possible impacts of these contents on the daily lives of those who profess a certain faith. Educational processes arising from religions must promote human development and the promotion of the social rights of the community. But does this really happen?

Keywords: Candomblé. Education. Possibilities.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo relacionar las similitudes y distanciamientos entre los campos de la educación y las religiones de origen africano, especialmente el Candomblé. Partiendo del principio de que las prácticas religiosas, independientemente de su confesionalidad, son prácticas educativas no formales y/o informales, es necesario comprender cómo se organizan y los posibles impactos de estos contenidos en la vida cotidiana de quienes profesan una determinada religión. fe. Los procesos educativos derivados de las religiones deben promover el desarrollo humano y la promoción de los derechos sociales de la comunidad. ¿Pero esto realmente sucede?

Palabras clave: Candomblé. Educación. Possibilidades.

INTRODUÇÃO

O candomblé chega ao Brasil, trazido pelos negros escravizados, entre os séculos XVI e XIX, no qual podemos destacar dois grupos: Os bantos (que vinham de regiões como Angola, Congo e Moçambique) e os sudaneses (Nigéria e Benin) que formam os povos iorubas, jejes e nagôs.

Nesse momento, a religião predominante no Brasil, era o catolicismo, que fora trazida por nossos colonizadores (portugueses). O nome candomblé é associado historicamente, aos cultos iniciados na Bahia, porém temos algumas outras nomenclaturas espalhadas pelo Brasil. Vale, assim lembrar, que o candomblé não é um culto único e essas diferentes vertentes são chamadas de “nações”.

Assim, o objetivo deste artigo é entender como se dá o ensinamento dentro da religião de matriz africana. Para este propósito buscamos uma breve revisão de literatura de alguns teóricos para nos situarmos nesta temática. A literatura que versa sobre o tema.

Todos os autores pesquisados têm em comum a ideia de que a educação nos terreiros nasce de uma vivência do grupo atemporal, onde os valores são organizados a partir da ancestralidade e praticados entre os sujeitos no exercício da coletividade.

Camilo e Nunes (2015) acreditam que, nas mais diversas pedagogias, a pedagogia de terreiro, revela ser uma pedagogia pautada na ética, no respeito e na dignidade e a própria autonomia do educando, fazendo assim que ele se desenvolva plenamente como um ser ciente de seus direitos e deveres

Devemos nos ater ao fato de que, o candomblé, religião de matriz africana que chega ao Brasil através do povo negro escravizado, traz em sua essência uma religião de força e resistência que luta desde então, para manter viva sua tradição e cultura.

O CANDOMBLÉ COMO PRÁTICA CONFSSIONAL E EDUCACIONAL

Para Oliveira (2014),

A educação nos terreiros tem como base a vivência da tradição cultural africana, permeada pela manutenção com os elos sagrados, na busca pela aproximação com os orixás. Os valores culturais africanos são revividos nos mitos, na culinária, no idioma através das músicas, das orações e nas saudações não só ao dirigirem-se às divindades como também entre adeptos, além da exaltação da expressão corporal, através da dança que revive o antepassado mítico, suas histórias e sua beleza negra.

Esse candomblé que é o vivido dentro dos terreiros, inicialmente dentro das senzalas, das fazendas dos senhores de escravos, vem se perpetuando e fazendo história em nosso país desde então.

Sem acesso ao conhecimento teórico ou a escrita o povo negro, então escravizado, inicia seu processo de ensinamento pela oralidade. A tradição vem passando entre as gerações e assim mantém viva a cultura do candomblé, que interage com o lúdico, com o corpo, a arte e a religiosidade dentro do mítico, sempre respeitando a tradição do mais velho.

Contudo, atualmente o candomblé ainda é visto com demonização e/ou seita, apesar de ser reconhecido como religião. Alguns estudiosos o definem como um culto e uma variante do *sabeísmo* chamada de *fetichista*, com adições extravagantes de objetos, e sinais tão confusos quanto bizarros. Enquanto outros, conceitua o candomblé como um termo, abonado nos modernos dicionários da língua e na vasta literatura etnográfica, e de uso corrente na área linguística da Bahia para designar os grupos religiosos caracterizados por um sistema de crenças em divindades chamadas de santos ou orixás.

Verger (2000) declara que as africanidades brasileiras vêm sendo desenvolvidas há quase cinco séculos, na medida que os africanos escravizados e seus descendentes, ao participar da construção da nação brasileira, vão nos deixando outros grupos étnicos com que convivem suas influências e, ao mesmo tempo recebem e incorporam a influência destes.

Os Nagôs que chegam ao país próximo ao fim do tráfico de negros, concentra-se em uma zona rica e bem desenvolvida, dotada de uma florescente economia e de centros urbanos

em pleno apogeu. Isto permite boas comunicações entre eles e, sobretudo, mais tarde, a constituição de guetos que ajudarão a preservar os costumes trazidos da costa africana (VERGER, 2000, p. 365).

A oralidade tradicionalmente mantida no candomblé até o momento atual, mostra que o candomblé não foi “infectado” com o olhar ocidental. De acordo com Silveira (2004), talvez porque a ideia de história e de progresso que detém se afaste da concepção ocidental e seja entendida como uma história de mensagens, contos, narrativas míticas que é, constantemente, atualizada por valores que vêm do passado. Que complementa sobre a oralidade:

Como sociedade de tradição oral, no terreiro, todo o conhecimento é processado verbalmente, cada geração transmitindo à outra um patrimônio simbólico. Para o povo-de-santo, a palavra tem valor especial e o homem é o resultado daquilo que ela imprime. Ela não só reflete o valor simbólico do sagrado, mas é ela própria um compromisso que une os membros da comunidade na guarda zelosa dos conteúdos que integram uma memória ancestral de conhecimento. (SILVEIRA, 2004, online)

Sendo assim, essa cosmovisão africana é repassada na vivência da palavra, interagindo um com o outro, e essa troca, faz interação com o saber, construindo o conhecimento. Enfim, aprender e ensinar dentro de um terreiro de candomblé significa a integração das vivências dos sujeitos e a sua ancestralidade.

Para o candomblé todo o aprendizado tem seu momento certo, ou seja, ao mais novo pouco conhecimento lhe é passado, tendo assim somente “direito” ao saber, conforme for aumentando sua experiência com a vivência do sagrado. Aos recém-chegados a religião não é dado o direito ao conhecimento e/ou questionamento. Diz que “*tudo tem seu tempo*”. Esse tempo compreende a vivência mítica do processo de iniciação (feitura) e as “obrigações” a serem cumpridas, segundo o ritual.

Assim, não depende do tempo cronometrado que estamos acostumados a vivenciar em nossa existência. O tempo referido se diz ao tempo mítico - e místico -, onde somente o sagrado poderá determinar qual será.

Ainda hoje perpetua-se dentro dos terreiros a ideia de que a experiência é a mola do conhecimento, e que o aprendizado somente é possível, observando, executando e executando, sendo cada vivência em seu tempo. O conhecimento do “mais” antigo é legítimo, pois diz-se que ele viveu mais, conseqüentemente, sabe mais coisas.

A herança cultural deixada pelos africanos e sua diáspora negra, integram uma das singularidades mais significantes no processo de construção de referências e identidade.

A diversidade africana, com suas sociedades e suas culturas, reúne filosofia, religião, arte e mitologia em símbolos que constituem a essência de sua especialidade, ao mesmo tempo múltipla e plural, entre povos e grupos étnicos de distintas regiões geográficas social e culturalmente diversas e unificadas entre a África Central, África do Leste e Central do Oeste (MUNANGA, 2004, p. 157-158).

Devemos nos ater, quanto a perpetuação da oralidade, que foi utilizada como estratégia de sobrevivência da cultura, por negros escravizados por séculos, e fundamentada pelo alto índice de analfabetismo daquele povo. “A preponderância da oralidade em relação à escrita é medida, também, nos meios negros, pela elevada taxa de analfabetismo e por estatísticas que revelam um grau alarmante de evasão escolar entre as crianças negras em relação aos brancos” (D’ADESKY, 2001, p. 49).

Preservar esse valor cultural (oralidade) torna-se fundamental para resistência dos terreiros de candomblé, podendo assim, manter os costumes e tradições que vem se perpetuando ao longo dos séculos. Para Jacques d'Adesky (2001, p. 49):

A língua é outro possível fator de identidade. Embora elemento da cultura, excede aos demais, na medida em que tem o poder de nomeá-los, exprimi-los e vinculá-los. Ao nível do indivíduo, a língua é exclusiva, pois ninguém escolhe sua língua materna nem pode mudá-la a esmo, muito embora seja sempre possível apropriar-se de diversos idiomas. Nesse sentido, a língua não tem caráter fechado, como a raça. Pode-se ser branco ou negro e ter o português como língua materna. No entanto, para os negros, a adoção da língua portuguesa marca uma profunda ruptura com os elementos da matriz cultural das sociedades africanas revelando, portanto, uma irreparável perda de identidade. (JACQUES D'ADESKY, 2001, p.49)

Para Dalzira Maria Aparecida Iyagunã (2019), em seu artigo “A oralidade e a linguagem do candomblé,”, a escrita e a oralidade são formas de arte. Entretanto, possuem naturezas, práticas e finalidades diversas. Ambas tratam de valores éticos, morais, políticos e culturais com múltiplos e diferentes significados na vida social a exemplo das culturas praticadas nos terreiros de Candomblé no Brasil em suas respectivas tradições, em que a experiência vivida pelos vivenciadores se faz no aprendizado do ver, ouvir e falar sem mediações de textos escritos”

Porém, não podemos nos permitir tal equívoco, argumentando que a oralidade se dá por conta do índice alto de analfabetismo, levando em consideração que diversos outros grupos se apropriaram do recurso da oralidade com objetivo de transmissão de seus valores culturais.

A oralidade e a hierarquia são fatores primordiais para resistência do candomblé. A religião somente conseguiu se manter viva no Brasil por conta desses pilares, por ser religião de herança, onde os herdeiros recebem o legado de seus ancestrais. Portanto esses valores podem nos trazer um fator de preocupação, já que não temos o registro desse conhecimento, qualquer um pode intitular-se, na graduação que quiser dentro da hierarquia do candomblé, sem ter se dedicado ao processo completo de iniciação (feitura).

Não estamos com isso querendo dizer que uma ou outra forma tem maior relevância para o aprendizado (seja ele oral ou escrito), apenas salientando que, são conhecimentos específicos direcionados a determinados grupos, levando em consideração o contexto em que estão inseridos, que são formas sociais de ver e conhecer, e pode ser ele oral ou formal, tradicional ou científico. Porém, devemos deixar observado que ambos precisam viver harmonicamente, onde um respeita a relevância contextual do outro.

Ou seja, não podemos afirmar que um modelo produzido dentro de uma sociedade da escrita tenha maior relevância que o produzido por uma sociedade oral e vice-versa. A presença dessa oralidade, que é oriunda da diáspora negra, representa a continuação da vivência de práticas culturais e também simbólicas, que mantém preservadas as tradições, valores e cosmologias, que tem importância significativa aos praticantes da religião.

Embora hoje possamos considerar a diversidade de letramento dos praticantes da religião, a oralidade ainda se faz importante e primordial para que o legado possa ser transmitido e perpetuado, junto aos novos adeptos.

Ainda para, Dalzira Maria Aparecida Iyagunã (2019), “Nos terreiros de Candomblé”, pessoas e grupos, alfabetizados ou não, dialogam, trocam experiências e compartilham dos rituais numa relação de complementaridade em suas condições de vida, entre o oral e o escrito.

A história oral não procura a “verdade” de como as coisas aconteceram, mas as particularidades, o enredo, a trama, aquilo que não se encontra em documentos, mas que os sujeitos viveram e atuaram. É como olhar para dentro de uma caixa de música, por exemplo, e ver como a engrenagem, que faz a bailarina se movimentar, funciona (CARDOSO, 2012 p.40)

Pensando a partir do que aborda a autora acima, o ensinamento no candomblé pode vir se perdendo com o tempo, levando em consideração a falta de registro. Como saber se o conhecimento tem sido passado conforme aprendido? É possível afirmar que se faz o fundamento do santo da mesma forma que foram feitos por nossos ancestrais? Os elementos utilizados são os mesmos, se levamos em consideração a evolução e o progresso?

A ORALIDADE COMO PROCESSO EDUCACIONAL: MANUTENÇÃO DA ESSÊNCIA DAS RELAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS-RELIGIOSAS

O enredo possibilitado por esse pensamento vem nos remeter a necessidade da biografia do que vem sendo executado, para confrontarmos e entendermos se a oralidade foi de fato mantida em sua essência. Pensar diverso a isto nos faz entender que o uso da escrita foi deslegitimado dentro do processo de construção da religião. Se nos ativermos à diáspora do povo africano poderemos nos defrontar com realidades perdidas ao longo do processo de (re) existência do povo de “santo”. Buscando a literatura sobre o tema, percebe-se que poucos se dedicam a abordar o tema e que existe um silêncio rodeando o assunto.

Júlio Braga (2000, p.130), tem sido um dos poucos estudiosos que vem jogando luz no tema (desde os anos 80), chamando a atenção para as maneiras pelas quais a tradição oral do candomblé coexiste com o uso da escrita. A lacuna nos estudos do candomblé, em relação aos pequenos, mas reais usos da escrita nos terreiros, diz ele, acaba apagando a importância da escrita em prol de enfatizar a oralidade como único meio de transmissão do saber religioso.

De acordo com Langdon (2007), até décadas recentes, textos orais, incluindo os diferentes gêneros como mito, folclore, lendas e contos de fada, foram analisados como textos fixos, sem considerar os mecanismos poéticos que marcam a narração oral.

Aos estudos antropológicos, que detém as artes verbais, coube a reflexão sobre a problemática, (re)inscrevendo os gêneros de mito, ritual, fala e performance, num contexto que considerasse o dito no fluxo do discurso social, como sugere Geertz (1989). Langdon (2007), ainda ressalta, que o estudo da narrativa tem ido além no sentido de conceber a narrativa, como expressão oral, para pensá-la o conjunto dos gêneros dramáticos e performativos marcados por qualidades estéticas e emergentes através da interação social.

Falar de oralidade, portanto, é falar, em primeiro lugar, de um processo de colonização e pós-colonização, de exclusão de ensino, de aprendizagem e do processo político-econômico por séculos vivido pela população negra no Brasil. Com uma análise desses processos é que se pode afirmar que os terreiros são a reafirmação e os únicos lugares que guardam e preservam a oralidade de forma a manterem o relacionamento e a comunicação com a matriz religiosa de outras fases da língua materna. (IYAGUNÃ, 2019, s/p)

Pensar o processo de oralidade dentro dos terreiros e a forma pedagógica como vem sendo empregado o assunto, nos leva a outros caminhos do saber. Pensando o candomblé como religião que vem resistindo e se mantendo erguida, mesmo após sofrer tantas perseguições por conta da intolerância e falta de informação, requer olhar com maior cuidado e se preocupar com a falta de registro do que ocorre dentro dos terreiros.

Temos que nos debruçar sobre outros campos e pensamentos para entender que dentro dos terreiros ocorre um tipo de educação não formal. E a essa educação não formal, precisamos olhar com atenção para que no futuro, não tenhamos a perda desse conhecimento, por falta de registro.

Libâneo (2004, p. 89) conceitua educação não-formal como “aquela atividade com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas”, enquanto a educação formal “aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, e de forma sistemática”. Essa forma de estruturação não deve se sobrepor uma à outra e sim avaliados como conceitos independentes, que operacionalizam em campos distintos.

Para Ferreira (2012, p.91) a educação não-formal possui sua finalidade e seus próprios objetivos que encontram na prática educativa em um contexto de mudança ou transformação social o seu grande foco de desenvolvimento na área educacional.

Entendemos com o exposto acima que a prática que vem sendo utilizada dentro dos terreiros de candomblé não é de menor valia que a prática que possa estar sendo utilizada em outros segmentos da sociedade, porém devemos nos ater ao fato de que, estamos construindo pouca história escrita sobre a religião que ocupa participação significativa dentro do cenário nacional.

A perpetuação da religião como fonte de (,r) existência, somente com a oralidade nos faz entender sua força enquanto organização e o legado deixado pelos ancestrais. O que diverge dessa força é a falta de registro objetivos sobre todo o processo de ritualística, salvo os “mistérios” que somente quem tem iniciação poderá saber.

O processo de transmissão do conhecimento oral é legítimo e importante pois assim conseguimos manter a lenda e mistério que envolve a religião, porém deixar isso se perder no tempo ou se propagar de forma equivocada, requer olhar de forma mais pedagógica para esse saber. O tempo atravessado pelo candomblé, não condiz com sua real biografia, quando consultada, seja por curiosidade ou para ganho e/ou acréscimo do conhecimento. É uma história que somente pode ser ouvida por quem ali vivenciou. Existe muita riqueza cultural que fica segregada apenas aos seguidores e adeptos, limitando assim a propagação e força da religião que nasce de forma simples, dentro das senzalas dos escravizados africanos, e tão sublime e encantadora que atravessa séculos.

Precisamos disponibilizar o conhecimento até então, segregado, aos também chamados curiosos. A disseminação desse conhecimento, pode vir, inclusive, a colaborar com a importância e imponência da religião. Pensar diverso disso, pode soar “mesquinho” e desassociar da religiosidade e beleza propagada pelo ritual.

A falta de conhecimento pode gerar informação errada e/ou equivocada, visto que nos falta uma “*bíblia*” de consulta, assim como encontramos em outras religiões. Entender que o conhecimento precisa sempre ser buscado com o mais antigo da religião e dentro dos seus espaços de atuação, nos remete alguns questionamentos, a saber:

1. Quando questiono, a resposta foi correta?
2. A vontade de saber requer tempo (iniciação)? Será que não existe forma didática de explicar sem se aprofundar?
3. Explicar algo que ainda não possa saber, “desmistifica” o que existe de sagrado?
4. Não responder ao questionamento, num tempo onde a informação é tão rápida, não afasta novos membros?
5. A negativa da resposta não pode ser interpretada como controle do conhecimento e consequente do corpo?

Os questionamentos acima são exercícios de reflexão sobre como o conhecimento realmente está sendo colocado em prática nas relações sociorreligiosas. Ao mesmo tempo, se a ancestralidade, tão valorizada pelas religiões de matriz africana, se faz eficiente no processo de ensino-aprendizagem que se dá na relação dos sujeitos-corpos que se encontram neste espaço de aprendizagem.

Por isso, recorremos a Michel Foucault com a sua reflexão sobre os corpos e como eles se comportam nos processos de ensino-aprendizagem no interior dos grupos sociais.

Assim, Foucault (1999, p.118) entende que os corpos são “adestrados” dentro dos processos de poder, como o que acontece na educação, entre os sujeitos no interior dos grupos sociais. Ou seja, os corpos adestrados são milimetricamente construídos gerados depois de um trabalho, demorado, recorrente, minucioso e detalhado.

Se aplicarmos este conceito as relações sócio-religiosas-educativas das religiões, a educação pode servir não somente aos valores religiosos do candomblé, mas um processo mais profundo e abrangente: a organização de corpos que deverão funcionar conforme aqueles que “supostamente” detém a oralidade desejam que os outros sujeitos do grupo religioso funcionem.

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. Os famosos autômatos, por seu lado, não eram apenas uma maneira de ilustrar o organismo; eram também bonecos políticos, modelos reduzidos de poder: obsessão de Frederico II, rei minucioso das pequenas máquinas, dos regimentos bem treinados e dos longos exercícios. (FOUCAULT, 1999, p.118)

Na verdade, um corpo dócil pode ser mais do que um corpo útil e disciplinado por um líder religioso. Ele é um corpo produtivo a serviço daquele que detém o poder. De acordo com o referido autor,

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula, e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 1999, p.118)

Esses corpos que se refere o autor, passam por processos e técnicas minuciosas, muitas vezes íntimas, que vão definir o investimento político no corpo, que passa ser enxergado como uma pedra bruta a ser lapidada, um novo elemento a ser desvendado, sendo, portanto, objeto de uma nova microfísica do poder, que desde o século XVII alcançou o corpo social inteiro.

Fazendo essa descrição das disciplinas que alcançaram os corpos dóceis, nos faz entender como esses elementos fazem parte de uma mudança de regime punitivo, fronteira com a época contemporânea, ao regime disciplinar que opera nas instituições disciplinares da sociedade capitalista. O corpo dócil é visto em detalhe, como potencial território a ser explorado, constituído, controlado e marcado pelo poder.

Enfim, Foucault nos leva à reflexão de que o corpo sempre atenderá a necessidade de nossos algozes. Seremos sempre preparados de alguma forma para obedecer a quem detém o poder. Embora tenhamos avançado na discussão e novas pautas adentraram nosso repertório de ideias, ainda somos regidos, de algumas formas, pelo processo de escravidão que foram submetidos os negros que foram sequestrados da África. O modelo vem se repetindo, em outros ambientes e de outras formas. O *senhor de engenho* deixa de ser aquele que conhecemos dos

livros de história e passa a ser nosso par, nosso cônjuge, nosso amigo e por aí seguimos nas variações de modelos em que estamos inseridos dentro da sociedade.

Para Bento (2022 p.49), “a noção de “biopoder” e “biopolítica” fala de técnicas de hierarquia que vigia e as técnicas de sanção que normalizam. Trata-se de um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir”.

Portanto, entendemos que existe um mecanismo maior que vem sendo perpetuado, junto do processo de ensino-aprendizado, que acreditar que superamos as etapas do processo de escravização em determinadas relações sociais é um mero engano. Esse processo se reproduz ainda hoje em diversos modelos dentro da nossa sociedade.

E isto pode ser enxergado também dentro das instituições religiosas como as de matriz africana. Dentro do candomblé, esse modelo de “docilização dos corpos” se apresenta como um dos presentes nas relações sociais. Principalmente por ser uma religião onde a oralidade predomina e não existe um regulador que possa avaliar todo o processo. Diferente de outras organizações religiosas, como por exemplo, a Igreja Católica Romana, no qual o Sumo Pontífice (o Papa) e o seu colégio de bispos fazem o papel regular e uniforme das ações educativas dos membros de seus grupos, esta realidade não acontece no Candomblé e outros modelos africanos.

A falta de uma regulação, seja ela por uma liderança ou pela escrita, onde poderíamos confrontar a realidade, faz com que “*cada um mexe a sua panela como lhe foi ensinado*”, como costumam dizer os mais antigos. Pensando assim, estamos reverberando uma história que pode não ser a realidade vivida por nossos ancestrais. Faz-se necessário que tenhamos um olhar crítico e questionador sobre o que temos visto acontecer dentro dos terreiros de candomblé.

Precisamos descortinar a casa grande e olhar nossos terreiros, com maior cuidado e respeito, valorizando a cultura ancestral africana, sem a visão eurocêntrica, imposta por nossos colonizadores. Precisamos urgentemente deixar de viver o modelo que nos foi erroneamente ensinado, de aprisionamento de corpos, saberes e conseqüentemente de vivências. O modelo praticado não deu certo, sendo assim não precisa de repetição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Parciais: Como continuar refletindo sobre o papel da oralidade sem gerar processos de dominação dos corpos?

Ao chegarmos ao final deste artigo não chegamos a conclusões finais, mas alguns pontos que nos ajudam a continuar a nossa reflexão sobre as relações sócio educacionais existentes entre os sujeitos que participam do Candomblé. Ao experimentar os fundamentos trazidos pelos negros sequestrados, devemos transporta-los para nosso presente para que não tenhamos mais um apagamento histórico do ensino ancestral. A resistência do candomblé e seus ensinamentos atravessaram décadas e ainda hoje continua encantando os seus seguidores, fruto de sua importância histórica e resistência face à intolerância religiosa vivida nos últimos tempos.

Para o candomblé na contemporaneidade, onde a informação circula de forma tão rápida, será que ainda precisa ser mantido todo este mistério ao redor de determinados elementos a serem transmitidos no processo educativo da religião aos seus adeptos? Contrapondo o candomblé com o cristianismo, vemos que a vida de Jesus Cristo é contada integralmente na bíblia. Não é necessário o segredo para que o “mistério” ainda permaneça vivo entre os seus seguidores.

Outro ponto a ser pensado é sobre a vivência do mundo tecnológico. O uso de tecnologias e das redes sociais precisam ser benéficas também à religião de matriz africana. A utilização desses recursos precisa ser vista como aliada para que haja engajamento dessa pauta e não haja vicissitudes com as novas gerações.

Soma-se a tudo o que está sendo discutido o pouco material que temos a consultar acerca do assunto. Assim, ficamos com pouco conhecimento e, ao mesmo tempo, curiosidade sobre a temática. Dentro desta lógica, reafirma-se que contar uma história não significa deixar de zelar por ela e/ou que sua essência se perdesse. O processo de contação de história a partir da escrita, valorizar e perpetuar o saber. Da mesma forma que a oralidade. Contudo, nenhuma destas formas de aprendizagem devem servir à dominação dos sujeitos nos grupos sociais.

A temática carece de mais informações que sejam de real relevância para a compreensão das relações de oralidade e poder dentro dos processos educativos. Ao longo destas leituras podemos continuar trazendo outros questionamentos.

1. O candomblé, enquanto estrutura religiosa e de acolhimento, atende ao sujeito em sua totalidade?
2. O candomblé pensado de dentro da senzala, por negros escravizados, não se tornou um reprodutor do sistema de escravidão, com suas hierarquias?
3. O modelo estrutural e hierárquico de uma casa de candomblé não reproduz o modelo vivenciado pelos negros dentro da casa grande?
4. A repetição desse modelo, não o tornou padronizado e fez com que tenhamos novos senhores de engenho?
5. Porque na literatura sobre o tema, não falamos de suas vivências reais e apenas do lado místico do processo, sem o cortá-lo em sua totalidade?

Realmente, são muitos os questionamentos e poucas as literaturas a respeito de determinados assuntos que envolvem a religião. O candomblé torna-se um tabu para os não adeptos e um muro a ser derrubado pelos seguidores. A erudição que envolve o assunto ainda é carente e nos deixa faltante de informações.

Por fim, o candomblé precisa ser explicado para além da lógica poética que envolve o mistério existente dentro de seu folclore. Precisamos entender a dinâmica envolvente, que atrai e ganha novos seguidores diuturnamente. Desta forma, justifica-se continuar buscando a realidade vivida dentro dos terreiros de candomblé e que nos instiga a continuar a pesquisar sobre o tema. Sempre procurando desvendar os mistérios que envolvem fé e submissão, religião e escravidão, educação e servidão. A discussão continua em aberto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, Júlio. *Oritamejé: o antropólogo na encruzilhada*. Feira de Santana: UEFS, 2000
- CAMILO, F. P. NUNES, C. G. *A importância da cultura afro-brasileira dentro das escolas: utilizando a Educação Musical através das cantigas de domínio público do samba dos terreiros*. Formação Docente, v.7,n.1,p.55-68,2015
- CARDOSO, Cláudia Pons. *Outras falas: feminismo na perspectiva de mulheres negras brasileiras*. Salvador: UFBA, 2012
- D'ADESKY, Jacques. *Pluralismo ético e multiculturalismo: racismo e anti racismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- FERREIRA, Arthur Vianna. *Representações sociais e identidade profissional: elementos das práticas educacionais com os pobres*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. São Paulo: Vozes, 1999,
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara/Koogan, 1989.
- IYAGUNÃ, Dalzira Maria Aparecida. *A oralidade e a linguagem do candomblé*. In: Anais VI COPENE SUL, Campinas, 2019. (<https://www.copenesul2019.abpn.org.br/resources/anais/>). Acessado em 20. Fev. 2024. às 22h 28 min.
- LANGDON, Esther Jean. *A Fixação da narrativa: do mito para a poética de literatura oral*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 13-36, 1999
- LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogo, para quê?* São Paulo: Cortez, 2004.
- MUNANGA, Kabengele (Org.). *História do negro no Brasil: o negro na sociedade brasileira – resistência, participação e contribuição*. Brasília: Fundação Cultural Palmares/ Ministério da Cultura, 2004. v. 1.
- OLIVEIRA, A. G. de. *A educação nos terreiros de Caruaru/PE: um encontro com a tradição africana através dos orixás*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Recife,2014
- SILVEIRA, M. J. *A educação pelo silêncio, o feitiço da linguagem no candomblé*. Bahia: Editus, 2004.
- VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo e o Benin e a Bahia de todos os santos dos Séculos XVII a XIX*, Ed. Corrupio 4º edição Revista 2002.



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

Publicação Mensal da INTEGRALIZE

Aceitam-se permutas com outros periódicos.

Para obter exemplares da Revista impressa, entre em contato com a Editora Integralize pelo (48) 99175-3510

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande,

CEP 88032-005.

Telefone: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.onlin>